

# ELEGIA<sup>1</sup>

*Thomas Chatterton*

Infeliz, eu procuro a solitária sombra,  
 No lugar onde a Contemplação obscura cobre a cena,  
 O retiro sombrio (dos galhos sem folhas)  
 Onde uma tristeza doentia molha o amarelo esverdeado

As ruínas sombrias de alguma cela sagrada,  
 Onde outrora os filhos da superstição pisaram,  
 Cambaleavam sobre o prado coberto de musgo; diziam  
 Quanto mais sabedoria temos, menos adoramos nosso Deus

Agora, enquanto lamento, caminho pela caverna sombria,  
 Pela vasta janela (com um certo mistério)  
 A floresta distante e a onda escura  
 De Avon que viola minha visão

Mas veja, o véu enevoa os pensamentos desse entardecer traçado,  
 O azul celeste se transforma em azul escuro,  
 As perspectivas violentas se arrebatam na relva noturna,  
 E a natureza aparece para ceifar a vista que está morrendo.

O medo assustador rasteja silenciosamente através da melancolia,  
 Começa sobre o farfalhar das folhas e revira seus olhos;  
 Perplexo de horror, quando ele vê o túmulo, perplexo  
 Com todos os tormentos de um inferno, ele voa

Os riachos borbulhantes em murmúrios queixosos correm,  
 Os pássaros do presságio, com gritos incessantes,  
 Com pensamentos melancólicos que despertam a alma,  
 Embalam a mente para o sonho da contemplação.

A querida quietude medita pairando sobre todo o vale,  
 A lua nublada emite um debilitado brilho;  
 Sem alegria procuro a colina escura e o vale,  
 Onde eu vagueio, a tristeza ainda está lá.

Bristol, 17 de novembro de 1769.

---

<sup>1</sup> CHATTERTON, Thomas. *Elegy*. pp. 64-65. In: **The Works of Chatterton**. Vol. I. London: Biggs and Cottle, 1803. 361p. Tradução livre do original em inglês por Nicolly Franco.

– A data de composição do presente poema indica que o autor à época contava com apenas 16 anos de idade (16 anos incompletos). Vê-se que a poesia chattertoniana é singular. (N. E.).